

HÁBITOS DE LEITURA À ENTRADA DO ENSINO SUPERIOR: O PERFIL DE LEITOR DE ALUNOS DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA

READING HABITS AT ENTRY TO HIGHER EDUCATION: THE READING PROFILE OF
STUDENTS ATTENDING A BASIC EDUCATION DEGREE

Adriana Cardoso ¹, Antónia Estrela ², Patrícia Ferreira ³, Carolina Gonçalves⁴

¹ Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa (ESEL), Lisboa, Lx, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-3551-0740>
acardoso@eselx.ipl.pt

² Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa (ESEL), Lisboa, Lx, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-5170-4468>
antoniaestrela@eselx.ipl.pt

³ Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa (ESEL), Lisboa, Lx, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-2423-4533>
patriciaferreira@eselx.ipl.pt

⁴ Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa (ESEL), Lisboa, Lx, Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-3176-2601>
carolinag@eselx.ipl.pt

Recebido em 28 out. 2022

Aceito em 09 dez. 2022

Resumo: Os alunos que frequentam cursos na área da educação desempenharão um papel fundamental na construção de leitores das próximas gerações, razão pela qual se torna relevante aferir os seus hábitos de leitura. Centrando-se nesta temática, o presente artigo tem como objetivo caracterizar os hábitos de leitura dos alunos de primeiro ano da licenciatura em *Educação Básica* de uma instituição de ensino superior portuguesa. Para o efeito, foi aplicado um inquérito por questionário *online* a cento e nove alunos do curso de *Educação Básica* de 1.º ano, tendo os resultados sido tratados recorrendo a uma metodologia mista (análise de conteúdo e análise estatística). Os resultados permitem traçar um perfil de *leitor frequente*, *ocasional* e *não leitor*, sendo que o perfil de *leitor frequente* é o que predomina em relação à leitura de obras literárias. Já no que se refere à leitura de revistas, jornais e livros/artigos científicos, o perfil de *não leitor* é o dominante. Quando questionados sobre o gosto pela leitura, 89% afirmam gostar de ler, destacando como razões a possibilidade de desenvolvimento e de aprendizagem, a evasão e o lazer. Já os alunos que referem não gostar de ler justificam a sua resposta sobretudo com a ausência de prazer na leitura. Estes resultados são relevantes e devem ser tidos em conta pelas instituições de ensino superior, tendo em vista o planeamento e implementação de ações que possam consolidar o perfil de leitor dos futuros educadores e professores.

Palavras-chave: ensino superior. leitura. hábitos de leitura. formação de professores.

Abstract: Students who attend courses in the area of Education will play a key role in building readers for the next generations, which is why it is important to measure their reading habits. Focusing on this topic, this paper aims to characterize the reading habits of 1st year students attending a degree in *Basic Education* at a Portuguese higher education institution. For this purpose, an online questionnaire was applied to a hundred and nine students of the 1st year Basic Education degree, and the results were treated using a mixed methodology (content analysis and statistical analysis). The results allow us to trace a profile of *frequent reader*, *occasional reader* and *non-reader*. The frequent reader profile is dominant in literature reading. As for magazines, newspapers and scientific books/articles, the non-reader profile is dominant. These results are relevant and must be taken into account by higher education institutions, with a view to planning and implementing actions that can consolidate the reader profile of future educators and teachers.

Keywords: higher education. Reading. reading habits. teacher training.

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, existe um reconhecimento crescente da importância dos hábitos e práticas de leitura da população, em geral, e dos alunos do ensino superior, em particular. Destacam-se, neste âmbito, várias políticas públicas de promoção do livro e da leitura, consubstanciadas, por exemplo, na criação, em Portugal, do *Plano Nacional de Leitura*, em 2006, uma iniciativa de política pública com objetivo de “aprofundar a literacia e alargar as práticas de leitura da sociedade portuguesa” (VILAR, 2016, p. 5).

Partindo do princípio de que um dos fatores determinantes para a existência de hábitos de leitura é o nível de escolaridade (NEVES, 2015), espera-se que os estudantes portugueses que frequentam o ensino superior se assumam enquanto leitores regulares. Esta questão torna-se ainda mais pertinente no caso de estes estudantes estarem a iniciar um percurso académico que os habilita para a docência, tendo em conta que, no futuro, terão um papel fundamental na construção de leitores das próximas gerações, razão pela qual se torna relevante aferir os seus hábitos de leitura.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Nesta secção, apresenta-se um breve enquadramento teórico do estudo, que incide sobre: (i) hábitos de leitura dos alunos no ensino superior; (ii) gosto pela leitura dos alunos do ensino superior.

Hábitos de leitura dos alunos no ensino superior

A observação de que os portugueses “reconhecem a importância da leitura nas sociedades actuais” (COSTA, PEGADO, ÁVILA, 2008, p. 54) não implica necessariamente que leiam. Na verdade, ao longo das últimas décadas, têm sido realizados vários estudos que, pretendendo aferir os hábitos de leitura dos portugueses, concluem que uma das tendências dos últimos anos é, precisamente, o declínio da leitura e dos grandes leitores (NEVES, 2015). Neste ponto, são particularmente relevantes para o presente estudo os dados referentes aos estudantes do ensino superior. Ainda que os estudos relativos a este nível de ensino

sejam escassos, é possível caracterizar os hábitos destes estudantes relativamente a dois domínios: (i) leitura de livros; e (ii) leitura de imprensa.

No que respeita ao primeiro domínio, o estudo levado a cabo por Yubero, Larrañaga e Pires (2014), com base num questionário aplicado a 1116 estudantes de 9 instituições de ensino superior, universidades e institutos politécnicos, em 2012, refere que 53,3% dos alunos inquiridos se apresentam como leitores frequentes, 33,9% como leitores ocasionais e 11,9% como não leitores. Os participantes frequentavam cursos de áreas distintas, nomeadamente Artes e Ciências Sociais, Ciências e Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências da Informação, Humanidades e Educação. No presente artigo, importa aprofundar os hábitos de leitura dos estudantes da área da Educação, uma vez que se pode considerar que muito possivelmente virão a ser mediadores do processo de leitura dos seus próprios alunos.

Yubero, Larrañaga e Pires (2014) analisaram em detalhe as respostas dos 420 estudantes do curso de Educação, sendo 86,9% do sexo feminino. Relativamente ao seu comportamento leitor, somente 2 alunos do curso de Educação afirmam nunca ler, 11% quase nunca leem; 21,2% leem todos os dias. A maioria lê entre 3 e 5 livros por ano, havendo apenas 2% que leem mais de duas dezenas de livros por ano, 1,4% entre 21 e 50 e 0,7% mais de 50. As mulheres leem mais do que os homens. Assim, no que respeita aos hábitos de leitura, 63% dos alunos da área de Educação têm hábitos de leitura (56,8% leem ocasionalmente e 6,2% são leitores habituais). Note-se, porém, que 27,3% são falsos leitores e quase 7% são não leitores¹. Nas suas preferências, metade dos estudantes lê revistas (56,4%), 53,8%, livros e 32,4%, imprensa (YUBERO, LARRAÑAGA e PIRES, 2014). Todos os estudantes da área da Educação valorizam a leitura, sendo que os que mais leem são aqueles que mais valorizam a leitura. Relativamente à leitura e atividades de lazer, os estudantes de Educação ocupam posições intermédias, quando comparados com os das restantes

¹ Por *falsos leitores*, entende-se “Não leem durante o seu tempo livre, ainda que tenham lido mais de 2 livros no último ano; ou melhor, ainda que possam ter lido algumas vezes durante o seu tempo livre, não leram mais de 2 livros no último ano.” (YUBERO, LARRAÑAGA e PIRES, 2014, p. 31). Por sua vez, os *não leitores* são definidos como: “Não leem durante o seu tempo livre e leram no máximo 2 livros no último ano.” (YUBERO, LARRAÑAGA e PIRES, 2014, p. 31).

áreas. Para além disso, são os leitores frequentes que dedicam a esta atividade mais tempo de lazer.

Tendo por base um inquérito aplicado em 1997 a 5065 estudantes do ensino superior, Balsa *et al.* (2001) procuram comparar dados obtidos no contexto do ensino superior com dados relativos à juventude portuguesa e apontam uma percentagem baixa de leitores frequentes de livros no ensino superior (35,9% em Balsa *et al.* 1998, *apud* Balsa *et al.* 2001), sobretudo tendo em conta a percentagem verificada entre a juventude portuguesa (50,9%, cf. PAIS 1989, *apud* Balsa *et al.*, 2001). As pesquisas desenvolvidas permitem ainda concluir que estes estudantes leem para se manterem informados e para se atualizarem, o que parece estar relacionado com as exigências dos seus próprios estudos (YUBERO, LARRAÑAGA e PIRES, 2014).

Em relação à leitura de imprensa, o estudo de Yubero, Larrañaga e Pires (2014) revela que quase 50% dos alunos leem imprensa com regularidade, ocupando a imprensa nacional um papel de destaque. A maioria dos estudantes da área da Educação (52,6%) afirma ler de vez em quando, havendo 3,8% que nunca leem imprensa.

Uma possível explicação para estes medianos hábitos de leitura pode assentar nas seguintes causas adiantadas por Fleury (2006, *apud* NEVES, 2015): i) diversificação das atividades de lazer; ii) substituição de uma leitura desinteressada por uma leitura utilitária ou técnico-científica; iii) perda do valor simbólico da leitura. Assim, parece ser adequado perspetivar o estudante do ensino superior como um “leitor em construção” (BALÇA *et al.*, 2009, p. 239), justificando-se a dinamização de projetos que promovam a leitura neste nível de ensino.

Gosto pela leitura dos alunos do ensino superior

Uma das dimensões abrangidas pelo estudo de Yubero, Larrañaga e Pires (2014) diz respeito à motivação para a leitura, tendo sido recolhidos dados relativos aos indicadores: *motivos de leitura* e *gosto pela leitura*. A maioria dos estudantes aponta que lê para se informar; 45,9% referem que leem para se atualizarem, 43,8% porque gostam e 38,4% para aprenderem. Relativamente ao gosto pela leitura, 38% dos alunos, quando convidados a indicar quanto gostam de ler (numa escala de 1 a 10), situam-se no nível mais alto.

O estudo reporta ainda que 54,6% dos estudantes da área da Educação têm um gosto médio pela leitura, havendo 36,3% que afirmam gostar muito de ler. Estes estudantes leem para se informar (61,2%), para se atualizar (46%) e para aprender (42,4%). Existem 47,4% de estudantes que leem porque gostam, afirmando os leitores habituais que a leitura os diverte. Os estudantes que leem de forma não voluntária fazem-no para se informar e atualizar, essencialmente². Yubero, Larrañaga e Pires (2014, p. 39) concluem que “os leitores que têm motivação intrínseca para ler estão motivados pelo próprio valor da leitura (...); os que têm motivação extrínseca estão movidos por fatores externos à leitura, tudo o que a leitura proporciona como instrumento (...).”

Os autores alertam para o facto de estes futuros educadores que são leitores instrumentais (falsos leitores) poderem, no futuro, programar apenas atividades de instrumentalização da leitura, esquecendo o valor da própria leitura. Relembrem, portanto, que a leitura deve ter por base o prazer, tornando-se necessário mitigar a obrigatoriedade e instrumentalidade que estes estudantes lhe atribuem. Ainda de acordo com os autores, é preocupante a percentagem de estudantes de Educação que são falsos leitores ou não leitores, sendo também grave haver um terço que não tem “um padrão motivacional de aproximação e gosto pela leitura” (YUBERO, LARRAÑAGA e PIRES, 2014, p. 48).

Ainda que Schiefele *et al.* (2012) não se tenham centrado na análise da motivação da leitura de adultos ou estudantes do ensino superior, torna-se útil rever as suas principais conclusões, na medida em que examinaram uma quantidade considerável de estudos feitos nos últimos anos sobre esta área. Uma ampla linha de investigação baseia-se na distinção entre motivação intrínseca e extrínseca face à leitura. Os autores não consideram o interesse individual uma forma de motivação intrínseca para a leitura. Definem antes a motivação intrínseca para ler com base na vontade de ler porque se trata de uma atividade satisfatória e recompensadora por si só. Já a motivação extrínseca liga-se a razões exteriores à própria atividade de leitura e ao tópico do texto.

² No questionário de Balça *et al.* (2009), numa questão relativa à motivação para a leitura, 61,2% dos alunos da Universidade de Évora (contra 13,2% alunos do Instituto Politécnico de Castelo Branco), depois de mencionarem questões de índole mais pragmática, mencionam que leem por prazer.

Nos estudos referidos por Schiefele *et al.* (2012), apesar das consideráveis diferenças metodológicas, há resultados consensuais no que diz respeito aos efeitos benéficos da motivação intrínseca para a leitura e do seu impacto e, em contrapartida, ao diminuto impacto da motivação extrínseca para a leitura. Para além disso, os autores mostram que a competência de leitura se relaciona positivamente com a motivação intrínseca para a leitura e negativamente (ou sem significância) com a motivação extrínseca.

Uma vez que a aprendizagem depende tão fortemente de materiais escritos, também ao nível do ensino superior não deve ser descurada a competência de leitura, porque constitui uma pré-condição muito importante para o sucesso académico. Assim, a motivação dos estudantes, especialmente a intrínseca, deverá constituir objeto de análise e reflexão.

ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Este estudo tem como objetivo traçar o perfil de leitor dos alunos de 1.º ano da licenciatura em *Educação Básica*³ de uma instituição de ensino superior portuguesa. Para o efeito, foi aplicado um inquérito por questionário *online* a 5 turmas de 1.º ano da licenciatura em Educação Básica⁴, dado que, como já foi referido, se pretendia investigar os hábitos de leitura dos futuros educadores e professores. Este questionário é composto por 2 secções: (1) informação socioacadémica; (2) hábitos de leitura. A secção 2 integra itens de resposta fechada e itens de resposta aberta. Os dados foram analisados seguindo uma metodologia mista, recorrendo-se à análise de conteúdo (BARDIN, 2016) e à análise estatística descritiva, com recurso ao *software* IBM-SPSS Statistics versão 24 (Chicago, IL, EUA) e o nível de significância foi $\alpha=0,05$.

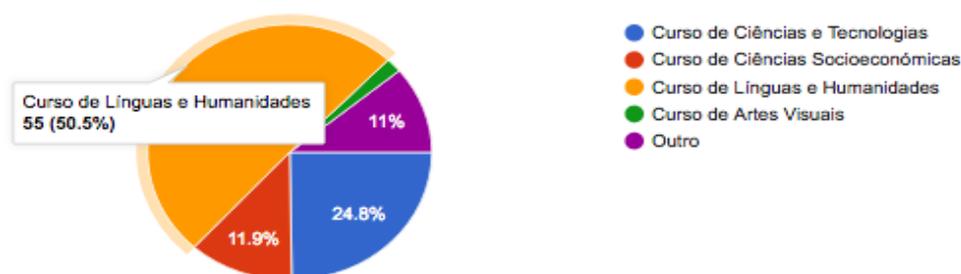
³ A licenciatura em *Educação Básica* pertence ao 1º ciclo de estudos de Bolonha, com um total de 180 ECTS. Contempla uma formação abrangente e diversificada em diferentes domínios (conceptual, ideológico-ético, artístico, sociológico, psicológico, pedagógico, metodológico e experimental), permitindo o acesso ao 2.º ciclo de estudos de Bolonha no domínio da Educação Pré-Escolar e do Ensino do 1.º e do 2º Ciclo do Ensino Básico.

⁴ A amostra do presente estudo foi selecionada por conveniência, dado que o questionário foi aplicado na instituição em que as autoras do estudo lecionam. Em particular, os alunos frequentavam a unidade curricular de *Escrita Académica em Português*, do 1.º ano da licenciatura em Educação Básica, pelo que se tornou relevante a aplicação de um questionário sobre o tema e a partilha dos resultados com os alunos (CARDOSO e PINTO, 2019).

Participantes

Responderam ao questionário 109 alunos do 1.º ano, 95,4% dos quais do género feminino. Em relação ao percurso escolar anterior, a maioria dos inquiridos frequentou o curso do ensino secundário de *Línguas e Humanidades* (cf. Figura 1).

Figura 1. Curso do ensino secundário frequentado pelos alunos inquiridos.



Fonte: Elaboração das autoras.

Dos participantes neste estudo, 99,1% frequentavam o 1.º ano da Licenciatura em Educação Básica pela primeira vez e apresentavam uma média de idade de 19,87 ($\pm 4,06$). O escalão etário mais representativo situa-se no intervalo compreendido entre os 18 e os 24 anos, seguindo-se o escalão com menos de 18 anos de idade (cf. Tabela 1).

Tabela 1 Escalões etários dos participantes no questionário

Idade	n	%
<18	12	11%
18-24	85	78%
25-30	6	5,5%
>30	6	5,5%
Total	109	100%

Fonte: Elaboração das autoras.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Para caracterizar os hábitos de leitura dos alunos inquiridos, consideram-se os seguintes indicadores: (i) o gosto pela leitura e respetivas motivações; (ii) a frequência de leitura de diferentes géneros / suportes (revistas, jornais, livros / artigos científicos, literatura).

Gostar ou não gostar de ler e frequência de leitura de diferentes géneros / suportes

Os alunos afirmam, maioritariamente, gostar de ler (89%). Quando questionados sobre a frequência de leitura de diferentes géneros / suportes, observa-se que quem gosta de ler lê mais frequentemente literatura (48,5%), em seguida lê revistas (34,0%) e livros / artigos científicos (33,0%), referindo, por último, os jornais (25,8%). Por sua vez, quem não gosta de ler lê mais frequentemente revistas (33,3%) e, em seguida, jornais (25,0%) (cf. Tabela 3).

Tabela 3 - Frequências de leitura de diferentes suportes de acordo com o gosto de ler

	Total n (%)	Gosta de ler n (%)		p
		Sim	Não	

Gosta de ler				
Sim	97 (89,0)			
Não	12 (11,0)			
				NS
Frequência lê revistas				
Frequentemente	37 (33,9)	33 (34,0)	4 (33,3)	
Ocasionalmente	28 (25,7)	25 (25,8)	3 (25,0)	
Raramente	44 (40,4)	39 (40,2)	5 (41,7)	
Frequência lê jornais				NS
Frequentemente	28 (25,7)	25 (25,8)	3 (25,0)	
Ocasionalmente	15 (13,8)	12 (12,4)	3 (25,0)	
Raramente	66 (60,6)	60 (61,9)	6 (50,0)	
Frequência lê livros/artigos científicos				NS
Frequentemente	32 (29,4)	32 (33,0)	0 (0,0)	
Ocasionalmente	28 (25,7)	24 (24,7)	4 (33,3)	
Raramente	49 (45,0)	41 (42,3)	8 (66,7)	
Frequência lê literatura				NS
Frequentemente	47 (43,1)	47 (48,5)	0 (0,0)	
Ocasionalmente	34 (31,2)	32 (33,0)	2 (16,7)	
Raramente	28 (25,7)	18 (18,6)	10 (83,3)	

NS, não significativo

Fonte: Elaboração das autoras.

Os resultados relativos à frequência de leitura de diferentes géneros / suportes por parte dos alunos inquiridos não permitem traçar um perfil único de leitor, na medida em que existe uma distribuição muito homogênea de leitura quer em termos de frequência, quer em termos dos diferentes géneros/suportes. Parece, no entanto, registar-se uma tendência para a predominância da leitura frequente de literatura (43,1%) face à leitura frequente de revistas (33,9%) e jornais (25,7%).

Comparando os dados obtidos no presente estudo com os apresentados em Balsa *et al.* (1998), *apud* Balsa *et al.* (2001), observam-se algumas disparidades no que diz respeito à leitura frequente de revistas e jornais (cf. Tabela 4).

Tabela 4 *Leitura frequente de revistas e jornais: comparação entre dois estudos*

	Inq. Socioeconómico Estudantes de Ensino Superior (BALSA <i>et al.</i> , 1998) (prática frequente, %)	Questionário aplicado aos alunos de 1.º ano da Licenciatura em Educação Básica (leitura frequente*, %)
Ler revistas	52,7	33,9
Ler jornais	57,1	25,7

* leitura frequente: todos os dias / 1 dia por semana

Fonte: Balsa (1998, *apud* Balsa *et al.*, 2001)

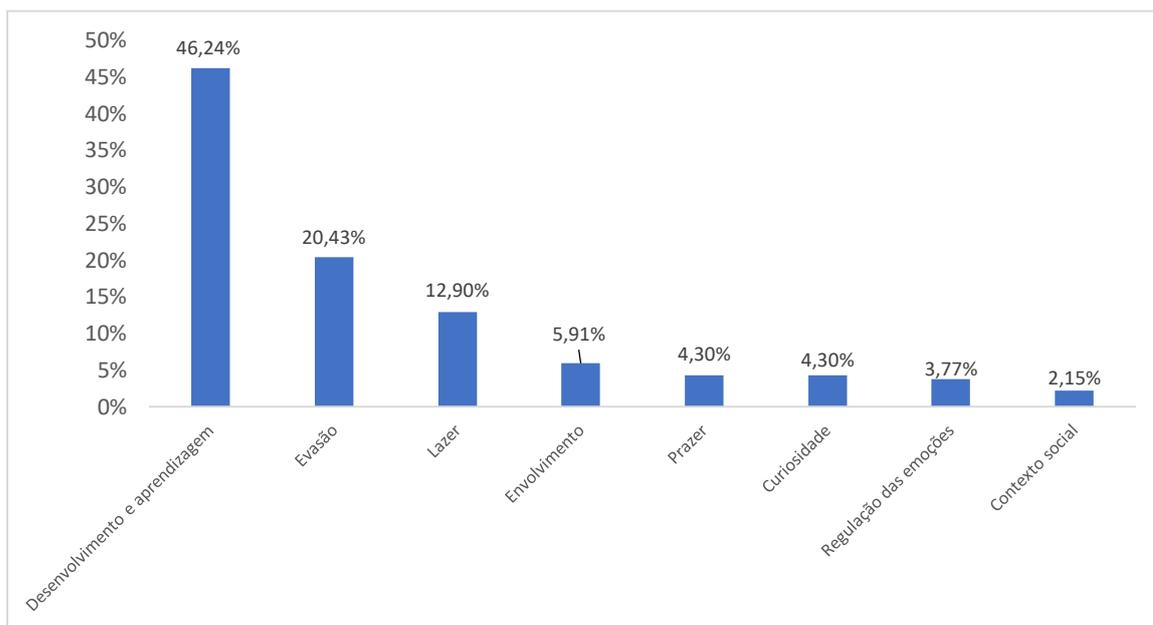
Por sua vez, o estudo de Yubero, Larrañaga e Pires (2014) revela que 32,4% dos alunos do ensino superior leem imprensa todos os dias ou um dia por semana, o que parece sugerir que há um efeito geracional na alteração de hábitos de leitura.

Por fim, é de referir que 14,7% dos inquiridos no presente estudo indicam que leem outro tipo de documentos. Destacam-se neste âmbito as referências a documentos digitais (46,7% das unidades de registo (UR / Cat.)), tais como blogues e notícias *online*, e a géneros textuais específicos (30% UR / Cat.), como é o caso da banda desenhada, cartas, reportagens e crónicas.

Razões apresentadas para gostar ou não gostar de ler

Relativamente às razões apresentadas para justificar o gosto pela leitura, a análise de conteúdo permite identificar oito categorias (cf. Fig. 1), que são consistentes com as identificadas em estudos internacionais sobre a motivação para a leitura (SCHIEFELE *et al.*, 2012).

Figura 1. Razões apresentadas para justificar o gosto pela leitura: Categorias (%).



Fonte: Elaboração das autoras para o presente artigo.

A categoria mencionada mais frequentemente é *desenvolvimento e aprendizagem*, em que se incluem indicadores como o desenvolvimento intelectual (cf. (1)), o desenvolvimento pessoal (cf. (2)), o desenvolvimento de competência linguística (cf. (3)), o enriquecimento pessoal (cf. (4)) e o desenvolvimento da criatividade (cf. (5)).

- (1) A leitura permite desenvolver-me intelectualmente
- (2) Gosto de poder refletir de uma forma individual sobre uma história que descreve experiências de vida.
- (3) Para adquirir mais conhecimento a nível de vocabulário.
- (4) Gosto de ler porque é uma forma de adquirir mais conhecimento.
- (5) Desperta a criatividade e a minha imaginação.

Dimensões relativas à leitura como forma de *evasão* (cf. (6)-(7)), *envolvimento* (cf. (8)), *lazer* (cf. (9)), *prazer* (cf. (10)) e *curiosidade* (cf. (11)), ainda que com uma percentagem inferior de menções, assumem especial relevância, dado que os alunos inquiridos serão educadores / professores com a missão de promover o gosto pela leitura das crianças.

- (6) É uma forma de fugir à realidade, e transpor a nossa mente para outro sítio.
- (7) É um refúgio para mim, quando estou a ler sinto-me bem, e esqueço-me dos problemas do quotidiano.
- (8) Gosto de envolver-me nas histórias e imaginá-las à minha maneira.
- (9) gosto de ler uma vez que dá para passar o tempo
- (10) Por entretenimento e prazer
- (11) Por ter curiosidade em alguns assuntos gosto de ler

Ainda que os procedimentos adotados na análise de conteúdo possam explicar em parte as divergências encontradas, é de notar que as menções à leitura por *prazer* são consideravelmente inferiores às registadas noutros estudos que incidem em alunos do ensino superior. Em Balça *et al.* (2009), 61,2% dos alunos da Universidade de Évora (contra 13,2% alunos do Instituto Politécnico de Castelo Branco), depois de mencionarem questões de índole mais pragmática, mencionam que leem por prazer.

No questionário aplicado no presente estudo, surgem ainda menções à leitura enquanto meio de *regulação das emoções* (cf. (12)) e enquanto atividade presente no *contexto social* envolvente, mais precisamente no contexto familiar (cf. 13)).

- (12) É uma coisa que me acalma, que me dá um momento com a minha própria pessoa
- (13) Já é habitual em casa a minha família ler

Já os estudantes que referem não gostar de ler justificam a sua resposta sobretudo com a ausência de prazer na leitura (82% UR / Cat.), avaliando a leitura

como uma atividade monótona (50% UR / Cat.), expressando a sua falta de interesse pelos textos (aproximadamente 36% UR / Cat.) e afirmando a sua preferência por outras atividades (cerca de 14% UR / Cat.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não nos ser possível traçar um perfil único de leitor de acordo com a frequência de leitura de diferentes suportes, estes resultados permitem-nos traçar um perfil de *leitor frequente, ocasional e não leitor*.

Dos alunos da licenciatura em Educação Básica inquiridos neste estudo, conclui-se que 43,1% se assumem como *leitores frequentes* de literatura, 25,7% como *leitores frequentes* de jornais, 33,9% de revistas e 29,4% de livros e artigos científicos. Por contraste, 25,7% assumem-se como *não leitores de literatura*, 60,6% como *não leitores* de jornais, 40,4% de revistas e 45% de livros e artigos científicos.

Em traços gerais, estes resultados revelam que o perfil de *leitor frequente* é o que predomina em relação à leitura de obras literárias, mas que nas revistas, jornais e livros/artigos científicos o perfil de *não leitor* é dominante. Estes dados reforçam a ideia de que os alunos de ensino superior devem ser considerados “leitores em construção”, no sentido do que é proposto por Balça *et al.* (2009). Como tal, as instituições de ensino superior devem implementar ações que permitam a consolidação do perfil de leitor dos alunos, o que se torna ainda mais premente no caso dos alunos que frequentam cursos na área da educação, dado que desempenharão um papel fundamental na construção de leitores das próximas gerações.

Quanto às razões apresentadas pelos alunos para justificar o seu gosto pela leitura, destacam-se o desenvolvimento e a aprendizagem, seguidas da evasão e do lazer. Já os alunos que referem não gostar de ler justificam a sua resposta sobretudo com a ausência de prazer na leitura.

REFERÊNCIAS

BALÇA, Â. *et al.* *Leitores em construção (?): Leitura (s) no Ensino Superior em Portugal: alguns indicadores*. In: MARTOS, E.; Rosing, T. M. K. (coords). **Práticas de lectura y escritura**, 2009, p. 237-258. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo.

BALSA, C. *et al.* **Perfil dos Estudantes do Ensino Superior: Desigualdades e Diferenciação**. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. 3. Reimpressão da primeira edição de 2016. São Paulo: Edições 70, 2016.

CARDOSO, A.; PINTO, M. O. *Contributos para uma didática da escrita académica no ensino superior: Um percurso centrado no artigo científico*. In: CAELS, F.; BARBEIRO, L. F.; SANTOS, J. V. (eds). **Discurso Académico: Uma Área Disciplinar em Construção**, 2009, p.153–18. Coimbra e Leiria: CELGA-ILTEC.

COSTA, A. F da.; PEGADO, E.; ÁVILA, P. **Avaliação do Plano Nacional de Leitura**, Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE). Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3443/1/Avalia%C3%A7%C3%A3o%201%C2%BA%20ano%20PNL.pdf>. Acesso em: 3 de dezembro de 2021.

NEVES, J. S. Práticas de leitura em Portugal. In: CARDOSO, G. (Org.). **O Livro, o Leitor e a Leitura Digital**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 113-149. 2015.

SCHIEFELE, U. *et al.* Dimensions of reading motivation and their relation to Reading behavior and competence. **Reading Research Quarterly**, Hanover, v. 47, n. 4, p. 427–463, oct. 012.

VILAR, M. I. G. M. V. **O Plano Nacional de Leitura: fundamentos e resultados**. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação) — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2016.

YUBERO, S.; LARRAÑAGA, E.; PIRES, N. **Estudo sobre os hábitos de leitura dos estudantes portugueses do ensino superior**. Castelo Branco: Instituto Politécnico de Castelo Branco, 2014.

Sobre as autoras

Adriana Cardoso

Adriana Cardoso é doutorada em Linguística pela Universidade de Lisboa e mestre em Linguística Comparada pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. É Professora Adjunta na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa e investigadora no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Tem experiência na formação inicial, pós-graduada e contínua de professores e tem desenvolvido investigação nas áreas de linguística e didática do português. Coordena o Mestrado em *Didática da Língua Portuguesa no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico* e a Pós-Graduação em *Educação Digital*. Coordenou três projetos na área do desenvolvimento de recursos educativos digitais, financiados pelo Instituto Politécnico de Lisboa.

Antónia Estrela

Antónia Estrela é doutorada em Linguística pela Universidade NOVA de Lisboa e mestre em Linguística pela mesma instituição. É Professora Adjunta na Escola Superior de Educação do Politécnico de Lisboa e investigadora no Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa. É diretora do Centro de Línguas e Cultura do Politécnico de Lisboa. É membro da coordenação de curso da licenciatura em Educação Básica. Desenvolve investigação na área da aquisição e desenvolvimento da linguagem e da didática do português como língua materna e como língua não materna, áreas em que tem coordenado projetos e publicado materiais didáticos, artigos e capítulos de livros.

Patrícia Ferreira

Doutorada em Educação, Formação de Professores, e mestre em Didática da Língua Portuguesa, Patrícia Santos Ferreira é docente na Escola Superior de Educação de Lisboa e desenvolve investigação em campos como a leitura, a escrita, a gramática, a didática da língua materna, a formação de professores ou o conhecimento e as práticas profissionais docentes, coordenando projetos financiados e publicando em revistas e livros da especialidade. Dedicar-se, também, à construção de materiais didáticos e à formação de professores e educadores de infância no âmbito da didática do Português e da integração curricular.

Carolina Gonçalves

Carolina Gonçalves é professora na área da formação de professores na Escola Superior de Educação de Lisboa. Foi coordenadora do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e HGP do 2.º Ciclo do Ensino Básico e membro da coordenação do Mestrado em Didática da Língua Portuguesa no 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico. É doutorada em Ciências da Educação, pela Universidade Nova de Lisboa e Université Paris-Nanterre, Mestre em Ciências da Educação e Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas. É investigadora do CICS.NOVA-FCSH no grupo de Currículo, Tecnologias e Formação. Interessa-se sobretudo pela aprendizagem da leitura e da escrita e pela formação de professores.